

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Publicações científicas e histórias em quadrinhos. Semelhanças enquanto discursos de hegemonia.**

André Pereira y Cristina Amélia Carvalho.

Cita:

André Pereira y Cristina Amélia Carvalho (2009). *Publicações científicas e histórias em quadrinhos. Semelhanças enquanto discursos de hegemonia. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1038>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# **Publicações científicas e histórias em quadrinhos**

## **Semelhanças enquanto discursos de hegemonia**

### ***André Pereira***

*Mestrando em Sociologia.*

*Universidade Federal de Pernambuco*

*andreu.pereira@gmail.com*

### ***Cristina Amélia Carvalho***

*Professora da Universidade*

*Federal do Rio Grande do Sul*

*Cris\_carvalho@uol.com.br*

O presente trabalho tenta, de forma resumida, unir as análises de duas vertentes de trabalhos científicos que, embora tratem do poder ideológico de formas de comunicação de massa, têm como foco objetos completamente antagônicos: os periódicos científicos, publicados em revistas acadêmicas, e as Histórias em Quadrinhos.

Num primeiro olhar, estes dois objetos parecem ocupar posições diametralmente opostas em todos os âmbitos das formas de comunicação e de seus respectivos propósitos. Entretanto, o que

nos propomos neste texto é discutir onde e como estes objetos se “encontram” enquanto veículos ideológicos de grande alcance, e cumprem papel similar ainda que em formatos realmente distintos.

Em primeiro lugar, é essencial situar o contexto no qual toma forma e se constrói a problemática que discutimos: a construção da hegemonia da sociedade de mercado baseada na centralidade do capital. Por hegemonia, consideramos não uma forma social total e única nem mesmo um único significado do discurso político-social, mas pelo contrário, a existência de múltiplas possibilidades e significados em disputa em cada tempo histórico. Assim, a hegemonia de um modelo de sociedade não será um estado, mas uma construção permanente para a dominação. A América Latina é um dos cenários possíveis, na geopolítica internacional, para a constatação dos variados discursos, que atravessam desde as experiências neoliberais com Pinochet no Chile, até à construção do socialismo na experiência cubana, tudo isto sob a poderosa presença dos Estados Unidos. Essa “poderosa presença” diz respeito à permanente conquista da hegemonia e luta contra todas as ações discursivas contra-hegemônicas como as de Cuba, Nicarágua, El Salvador, Chile, Brasil cada um em seu momento, ou os movimentos sociais de todo o tipo que lutam pelos significados de seus discursos.

Embora a América Latina seja celeiro de formas extremamente ricas e diversificadas de produção cultural, todos os seus povos sofrem, em maior ou menor intensidade, o poder aculturativo dos EUA. Se sua dominação se exerce principalmente no domínio sobre a economia e as relações comerciais no continente, é, no entanto no campo simbólico que a marca se efetiva de forma mais profunda e duradoura. Aliás, é pelo esforço de conquista da hegemonia no campo do simbólico e da cultura que as relações de dominação econômica logram se perpetuar. Assim, este processo se percebe tanto nos produtos que se consomem no continente como nos hábitos e gostos disseminados, que engendram uma necessidade de consumo direcionada à sua satisfação.

Neste cenário têm papel de destaque a comunicação de massa e sua capacidade avassaladora de divulgar formas de vida. A televisão, o cinema, o *fast-food*, mas também a literatura e o uso do inglês como “língua de negócios” são instrumentos privilegiados neste permanente embate. Trata-se de disputar significados e sua aceitação e reprodução social. Mais uma vez, é evidente que a ofensiva hegemônica só ocorre porque existem outros discursos disputando a interpretação do mundo. Os discursos da pluralidade do local reivindicam sua existência e sua interpretação do seu território em atitude contra-hegemônica diante do discurso global e totalizante.

O campo simbólico se revela a serviço da alimentação incessante do consumo. É patente a quantidade de programas importados dos EUA, de mercadorias, de termos em inglês, e até de técnicas (como nos telejornais). A principal característica (ou conseqüência) dessa massificação de

produtos culturais é seu nivelamento simplificado. Os produtos não são mais feitos de acordo com a inspiração, o desejo ou a simples vontade de produzir arte por parte do artista; agora são feitos por técnicos (especialistas nas técnicas de produção) que buscam, sem nenhum pudor, realizar a mercadoria. A quantidade se sobrepõe à qualidade, e a arte se percebe funcional - por meio de um nivelamento para a compreensão massificada - à generalização do consumo no mais amplo tecido social.

Trazendo os objetos analisados a esse quadro da conjuntura sócio-econômica da América Latina, que se reproduz no Brasil, nos debruçaremos então sobre a estrutura de produção e reprodução dos artigos científicos em revistas acadêmicas especializadas. Esta foge completamente ao que chamamos agora de “comunicação de massa”, porque ela, ao contrário, é produzida por e para uma elite. O processo endógeno das publicações acadêmicas não é apenas excludente quanto à possibilidade de participação e acesso, mas também no uso da linguagem especializada das áreas de conhecimento, num jargão impermeável aos demais e num estilo de escrita recheada de argumentos de autoridade. Bourdieu aponta essas práticas como esforços de legitimar e manter uma posição superior no campo social (neste caso, o campo acadêmico). O poder simbólico que o domínio do vocabulário ‘certo’ confere é enorme, e cria uma barreira entre os detentores de maior capital simbólico de um campo e os que buscam alcançar posições mais elevadas dentro no campo. Cria igualmente uma barreira entre os iniciados no campo, que já possuem algum capital simbólico, e aqueles que ousam se aventurar nesse novo campo. Em outras palavras, a disputa no campo cria e mantém uma estratificação, uma disputa de legitimidade e reconhecimento dentro dele.

Mesmo não se encaixando no conceito de “comunicação de massa”, refletir sobre a produção científica, sua pertinência sócio-cultural e seu processo de internacionalização nos conduzem a pensar acerca da dependência que se observa nela e o caráter geopolítico dessas questões. Carvalho e Goulart (2007) defendem que, «em geral a internacionalização é tratada por meio de indicadores tais como a análise de publicações de artigos em periódicos internacionais, a transferência de pesquisadores brasileiros para instituições estrangeiras e convênios para formação ou desenvolvimento de pesquisas conjuntas com instituições estrangeiras». Várias pesquisas e levantamentos bibliométricos indicam a franca predominância da bibliografia estrangeira, em particular anglo-saxônica e, nomeadamente estadunidense, e estabelecem uma correlação entre esse aspecto e a fraca conexão entre as teorias usadas e a pertinência e/ou aplicação dos resultados produzidos, nos cenários locais.

A forma de ranqueamento das revistas prioriza os trabalhos para periódicos estrangeiros que publiquem em inglês – a qualidade das revistas nacionais é irrelevante quando comparada a um

periódico anglo-saxão. Também é possível perceber uma produção em ritmo alucinante de artigos científicos, uma prática incentivada – às vezes, determinada como regra por agências de fomento à pesquisa. O ritmo do “publish or perish” (prática e termo importados dos EUA) impõe a produção em quantidade, não importando a qualidade nem se será lido adiante.

Percebemos, então, a influência do modelo produtivista e a valorização ao extremo das revistas estrangeiras em língua inglesa (em um conseqüente detrimento das revistas acadêmicas nacionais). Dessa forma, os EUA mantêm sua bandeira fincada no seio da produção científica no Brasil, que são as agências que avaliam, financiam e estimulam as pesquisas acadêmicas, pesquisas estas que deveriam servir para o crescimento interno de nosso saber e um espaço onde pudéssemos propor alternativas a problemas de todos os níveis – desde o uso de energia alternativa à queima de combustíveis fósseis, como à transformação de uma sociedade desigual e injusta. Quiçás seja exatamente por essas razões que a posição norte-americana encontra-se no meio da produção intelectual brasileira.

O que levantamos enquanto questionamento nas nossas agendas de pesquisa atual é a ocorrência de um aprofundamento do caráter dependente de nossa produção científica fruto do processo de internacionalização da produção científica ou, a possibilidade de uma construção alternativa em que esse seja um espaço de autodeterminação político-científica.

Tomemos, agora, outro objeto de ordem oposta à produção científica que apresentamos sucintamente. As Historias em Quadrinhos, ao contrário das publicações científicas restritas e elitizadas, se enquadram perfeitamente na categoria da “cultura de massa” (não confundindo, porém, “cultura de massa” com uma cultura que provenha das massas; aquela é construída por um corpo de técnicos e empresários que produzem mercadorias industrializadas para realizar o consumo). A literatura em quadrinhos está voltada para públicos variados, infantil, juvenil e adulto e, dependendo do título, pode ser encontrada facilmente em bancas de revistas e livrarias, e o conteúdo geralmente aborda temas de ação, simples, e desenhos cada vez atrativos, em razão de uma alta qualidade técnica crescente. Diferente dos periódicos científicos, as Historias em Quadrinhos não têm um linguajar técnico especializado, pelo contrário, procuram uma linguagem acessível, de modo a que qualquer um seja capaz de compreender sua mensagem. Não é possível encaixar todas as historias em quadrinhos nessas características, e é exatamente esse ponto que necessita um desenvolvimento, pois existe um modelo de construção de historias em quadrinhos que segue um padrão, o padrão norte-americano de produzir histórias de super-heróis.

Embora o Brasil tenha vários artistas que produzem suas próprias Historias em Quadrinhos, existe uma tendência em “consumir” os produtos estadunidenses. Como esse processo se originou

no início do século no Brasil, o público está acostumado às histórias no padrão de super-herói, e quando o artista tenta produzir em um padrão diferente, sofre sanção. Esta sanção é dada tanto pelo público quanto pelas editoras que, por receio da recepção da peça de literatura enquanto mercadoria/produto, preferem investir em material confiável – o velho modelo de super-herói.

Neste ponto, se torna necessária a explicação de analisar tais objetos, visivelmente distintos em quase todos os sentidos. Os periódicos acadêmicos são para um público restrito, tanto pela linguagem quanto pela distribuição. As Histórias em Quadrinhos, por outro lado, são feitas para agradar o grande público, de todas as idades e faixas etárias. Seus conteúdos são completamente opostos, pois enquanto um é científico, o outro trata é puramente ficcional (colocamos aqui a observação que nem todas as histórias em quadrinhos possuem temas fictícios, algumas fogem do modelo de super-herói e fazem novos estilos, porém essas histórias não circulam tanto quanto as de super-herói).

O que chamou nossa atenção foi que esses dois veículos de comunicação, mesmo antagônicos em alguns aspectos importantes, possuem características semelhantes quanto à sua utilidade enquanto ferramentas de dominação ideológica, em particular dos EUA, país com grande tradição de influência na academia brasileira e no abastecimento do mercado de literatura de massa, como as Histórias em Quadrinhos.

Nos dois campos podem ser percebidas tentativas de consolidação da hegemonia estadunidense, que são, na concepção gramsciana, as práticas de uma classe para manter sua posição dominante pelo consenso da sociedade, pela aceitação por parte da população da própria dominação de uma classe. Gramsci propunha dois tipos de lutas entre as classes para a manutenção da hegemonia (ou para tentar minar essa hegemonia, no caso das classes dominadas): a guerra de movimento e a guerra de posição. Enquanto na primeira existe uma movimentação por parte de toda uma classe ou grupo social em direção à revolução, a uma mudança radical, na guerra de posição a revolução também ocorre, porém, interna ao sistema – isto é, com o fim de eliminar o sistema capitalista, as classes dominadas se infiltrariam nos vários núcleos de poder, visando estabelecer uma nova hegemonia na sociedade que legitime o encaminhamento ao socialismo. No caso dos periódicos acadêmicos e das Histórias em Quadrinhos, a hegemonia se traduz no modo de construção do discurso dominante. Este reflete as características do grupo dominante, que tem óbvia relação com a referência de uma sociedade de mercado, como a concorrência exacerbada entre os pares (a disputa por um espaço dentro das revistas acadêmicas, ou a luta por ter uma história em quadrinhos publicada), a primazia da técnica em detrimento da inspiração, e outras.

Examinar estes dois modos de comunicação lado a lado e verificar que neles podemos encontrar semelhanças enquanto à competência, enquanto objetos, para a construção de um discurso hegemônico por parte dos EUA, apesar de serem tão distintos em inúmeros outros aspectos, nos faz indagar que outros objetos, situados entre estes pólos extremos do uso do discurso seriam igualmente ferramentas de dominação.

Nossos interesses de pesquisa gravitam em torno da diminuição da capacidade desses objetos – literatura em quadrinhos e publicações científicas – enquanto agentes de transformação, prendendo-os ao modelo competitivo e diluído de críticas desejado pelos grupos sociais dominantes. Se outros objetos culturais como os jornais, a televisão, a música, a literatura, as artes plásticas e outras formas de expressão dos indivíduos estiverem sujeitas aos preceitos liberais, a mudança para outra forma de organização social exigirá, para enfrentar a barreira do discurso hegemônico materializado no consenso da sociedade, da construção de um discurso contra-hegemônico que busque nos interesses autóctones, a pertinência sócio-cultural perdida.

A partir desse ponto de vista vemos que, para começar a pensar em uma alternativa a uma América Latina dominada e desigual, é necessário primeiro compreender o capital simbólico que se disputa nos campos sociais. Ao compreender o que está em jogo e quais as regras para jogar esse jogo, será possível então lutar pela definição de outras regras para jogar o jogo que nos interessa. Os atores sociais em posição desfavorecida no campo, tanto os criadores de literatura em quadrinhos quanto os acadêmicos no Brasil e na América Latina, ao tomarem consciência de sua posição, e de sujeitos/agentes capazes de transformação e de apropriação para si do sentido da disputa que se trava, terão a capacidade (em nível ontológico) de transcender essa realidade, de exercitar movimentos anti-hegemônicos e propor uma nova forma de sociedade.

Nos campos específicos aqui trabalhados (os periódicos científicos e as Histórias em Quadrinhos), os atores sociais, percebendo sua importância no desenvolvimento e legitimação das relações de poder, podem empreender estratégias de confronto com as regras estabelecidas. Essas estratégias possíveis só podem ser construídas com a ligação entre a teoria e a prática, é necessário que haja uma integração entre as duas para que a práxis surja enquanto alternativa real de mudança, fundamentada no conhecimento da teoria e da realidade prática, união indispensável para uma mudança real. Uma teoria que não possa ser praxis, onde ela é o fim em si mesma, é o mesmo que uma prática sem orientação teórica, desprovida de direcionamento elaborado; é uma mudança aparente da sociedade, onde as estruturas de poder se mantêm iguais e as críticas feitas a ela são incorporadas pelo sistema. Ao apontar as estratégias dominantes de consolidação hegemônica, pretendemos discutir a posição e disposição dos atores sociais enquanto agentes atuantes nos

campos capazes de desenvolver formas de resistência a esse processo. Apenas pelo conjunto da sociedade podem ser desenvolvidas tais estratégias de ação, e aqui foi feita uma pequena parte, porém relevante, do processo de construção de consciência de si e de um modelo alternativo a este atual em que vivemos.